

CONSIDERAÇÕES SOBRE PESQUISA DAS ORIGENS DA APOCALÍPTICA

André Luiz do Amaral*

Resumo

Este artigo busca estabelecer uma terminologia adequada à pesquisa da apocalíptica judaica. A partir daí, discutiremos diversas hipóteses desenvolvidas ao longo da história da pesquisa para o surgimento da apocalíptica. Finalmente, observaremos os resultados encontrados por Paul D. Hanson, cuja hipótese aponta para um conflito comunitário interno entre elementos visionários e hierocráticos no período do Segundo Templo.

Palavras-chave: Apocalíptica; apocalipsismo; escatologia apocalíptica; história da pesquisa; movimentos visionários e hierocráticos

Abstract

This article seeks to establish an adequate terminology to the Jewish apocalyptic research. From this, we will discuss several hypotheses developed along the history of the research for the dawn of apocalyptic. Finally, we will observe the results found by Paul D. Hanson, whose hypothesis points to an internal comunitary conflict between visionary and hierocratic elements in the Second Temple period.

Keywords: Apocalyptic; apocalypticism; apocalyptic eschatology; history of the research; Visionary and hierocratic movements

* Aluno do 3º ano do curso de Teologia pelo Seminário Teológico Rev. Antonio de Godoy Sobrinho (STAGS). Endereço eletrônico: andreipi@hotmail.com.

“O alvorecer de uma nova era apocalíptica está sobre nós”, anunciou Paul D. Hanson há quase 30 anos,¹ mesmo período em que recrudescia o interesse científico pela apocalíptica no Brasil, talvez relacionado ao momento pelo qual o país passava nesta época.² A literatura apocalíptica, nas suas diversas acepções, é um gênero que aparece em momentos de crise, nos quais há necessidade de se dar respostas a determinados tipos de situações-limite.³ Sim, o apocalipsismo vem à tona nas sociedades em situações de crise com maior facilidade e, por isso, está em voga.

O alvorecer da “nova era apocalíptica”, após longa madrugada, é agora evidente e irreversível, fruto das profundas mudanças do mundo contemporâneo e do colapso das estruturas e da cosmovisão que outrora estavam em perfeita ordem. A natureza clama por uma nova organização do mundo, pois o que vemos está para desmoronar.

Isto tudo nos anima e preocupa. Por um lado, uma matéria tão importante aos estudos bíblicos ganha nova força, enquanto congressos e seminários acontecem com maior frequência e a produção científica atinge níveis consideráveis. Por outro, corremos o risco de uma distorção de paradigmas, olhando para os movimentos contemporâneos como norma para a apocalíptica antiga. Nossa perspectiva, ainda que motivados pelo *Zeitgeist* que nos cerca, deve estar pautada sobre uma análise consciente e crítica dos textos apocalípticos do judaísmo, pois somente se seu ambiente e função originais forem compreendidos, a apocalíptica pode ser relacionada de maneira responsável com a crise contemporânea.⁴

A razão do estudo da apocalíptica e suas origens é justamente compreender qual o ambiente formador, as raízes históricas e sociológicas da escatologia apocalíptica judaica e sua relação posterior com as origens cristãs. Para o alcance deste objetivo, é imprescindível que se tenha em mente, num primeiro momento, a conceituação de *apocalipse*, *escatologia apocalíptica* e *apocalipsismo*.

a. Apocalipse

O termo “apocalíptica” refere-se a três diferentes aspectos de um mesmo fenômeno no judaísmo primitivo: um gênero literário denominado *apocalipse*, uma visão de mundo

¹ HANSON, Paul D. *The dawn of apocalyptic*. Revised edition. Philadelphia: Fortress Press, 1979, p. 1.

² WOODRUFF, Archibald M.; NOGUEIRA, Paulo A. de S. Introduções à apocalíptica no Brasil: uma resenha crítica das publicações dos últimos 30 anos. In: *Estudos de Religião* 19, 2000, p. 228.

³ VALDEZ, Ana. A literatura apocalíptica enquanto gênero literário (300 a.C -200 d.C.). In: *Revista Portuguesa de Ciências das Religiões* 1.1, 2002, p. 55.

⁴ HANSON, p. 427.

Oracula 3.6, 2007.

chamada “*escatologia apocalíptica*” e um movimento social motivado religiosamente denominado “*apocalipsismo*”.⁵

Apocalipse é uma transliteração do grego Ἀποκάλυψις, que significa “revelação” ou “desvelamento”. Refere-se ao gênero literário, cujo paradigma é o Apocalipse de João. Como diz Collins:⁶

(...) é comumente usado num sentido mais restrito, derivado do verso de abertura do livro do Apocalipse de João no NT, para referir-se a composições literárias que se aproximam do livro do Apocalipse, p. ex., revelações divinas secretas sobre o fim do mundo e o estado celeste.

G. von Rad define “apocalipse” como um fenômeno literário que possui uma certa teologia e uma certa cosmovisão.⁷ Esta definição é ampliada pelo próprio Collins:

Um gênero da literatura de revelação com uma estrutura narrativa, na qual uma revelação é mediada por um ser de outro mundo para um receptor humano, revelando uma realidade transcendente, a qual é, ao mesmo tempo, temporal, enquanto visa a salvação escatológica, e espacial, ao envolver um outro mundo, um mundo sobrenatural.⁸

O apocalipse mais conhecido é o Apocalipse de João, que deu nome ao gênero. Para se definir um apocalipse, portanto, a semelhança com o livro neotestamentário é levada em conta. Porém, não se pode afirmar que algum livro judaico possa ser considerado totalmente um “apocalipse”. Somente os capítulos 7-12 de Daniel, por exemplo, enquadrariam-se nesta definição. Igualmente, apenas partes de 1 Enoque, 4 Esdras e 2 Baruque podem ser incluídas como “apocalipses”, uma vez que estas obras contêm outras formas literárias.⁹

⁵ AUNE, David E. AUNE, David E. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean world*. Grand Rapids: Eerdmans, 1983, p. 107. Esta tripla distinção foi proposta por Hanson em “Apocalypse, genre” and “Apocalypticism”. In: *Interpreter's Dictionary of the Bible*. Supplementary Volume. Philadelphia: Abingdon Press, p. 27-34.

⁶ COLLINS, J. J. Introduction: towards the morphology of a genre. In: *Semeia* 14, 1979, p. 1.

⁷ RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. 2. São Paulo: ASTE, 1986, pp. 296-7.

⁸ COLLINS, J. J. Apocalyptic literature. In: KRAFT, Robert A.; NICKELSBURG, George W. E (eds.). *Early Judaism and its modern interpreters*. Philadelphia: Fortress Press, 1986, p. 346.

⁹ BOER, Martinus de. A influência da apocalíptica judaica sobre as origens do cristianismo: gênero, cosmovisão e movimento social. In: *Estudos de Religião* 19, 2000, p. 15.

David E. Aune afirma que um apocalipse é constituído de visões revelatórias, cuja substância é a “imminente intervenção de Deus nos assuntos humanos para trazer o presente sistema mal do mundo a um fim e para substituí-lo com um único ideal. Esta transformação é acompanhada pela punição dos ímpios e a recompensa dos justos”.¹⁰

D. S Russel classifica o *corpus* literário apocalíptico a partir dos critérios formais. Segundo ele, um apocalipse contém, no todo ou em parte: transcendentalismo; mitologia; visões cosmológicas; visão pessimista da história; dualismo; divisão do tempo em períodos; ensino de duas eras; numerologia; pseudo-êxtase; reivindicações artificiais de inspiração; pseudonímia; esoterismo; unidade da história; concepção da história cósmica que trata de terra e céu; a noção de primordialidade destas revelações concernentes à criação e queda dos homens e dos anjos; a fonte do mal no universo; conflito entre luz e trevas; bem e mal; Deus e Satã; a vinda de uma figura transcendente chamada “o Filho do Homem”; o desenvolvimento de crença na vida depois da morte com seus vários compartimentos de Inferno, Geena, Paraíso e Céu e a crescente significância do indivíduo na ressurreição, julgamento e felicidade eterna.¹¹ A lista de Russel é válida por sua abrangência e por representar um estágio importante da pesquisa, mas produz alguns equívocos. Segundo Hanson, nesta lista as fontes da apocalíptica são incompreendidas, o período de origem está séculos longe de ser o correto, a matriz histórica e sociológica da apocalíptica não é explicada e a natureza essencial da apocalíptica não é esclarecida.

Um apocalipse é apenas uma estrutura geral constituída por uma combinação de elementos. Collins adverte de que o gênero “apocalipse” nunca é o único contexto relevante para a literatura apocalíptica, pois não pode ser divorciado de outras várias categorias, tais como oráculos, testamentos, os manuscritos de Qumran, etc. ¹² Ele não é o gênero exclusivo. É duvidoso que os “apocalipses” sejam obras autônomas. Mesmo o apocalipse de João não deixa claro se é apenas uma revelação geral ou um tipo específico de literatura. Neste sentido, a definição de Martinus de Boer é mais completa:¹³

Assim, “apocalipses” seriam o que se pode chamar de um “sub-gênero” de literatura, pequenas “formas” literárias contidas em obras literárias maiores (como Daniel ou 2 Baruque), as quais, enquanto complexos literários (obras), não são apocalipses em si mesmos, no sentido estrito.

¹⁰ AUNE, p. 108.

¹¹ RUSSELL, D. S. *The method and message of Jewish apocalyptic*. Philadelphia: Westminster Press, 1964, p. 105.

¹² COLLINS, *Apocalyptic literature*, p. 347.

¹³ BOER, p. 16.

b. Escatologia apocalíptica

A tradição que flui dos profetas para a apocalíptica não constitui o todo do material nela contido. Do mesmo modo, a perspectiva definida com o termo “escatologia apocalíptica”, apesar de enraizada na profecia, não é idêntica à perspectiva profética.¹⁴

Segundo Hanson, na *escatologia profética* o profeta interpreta para o rei e para o povo como os planos do conselho divino serão efetuados no contexto de sua história nacional e da história mundial. Escatologia profética trata-se, portanto, de uma perspectiva religiosa que focaliza o anúncio profético à nação dos planos divinos para Israel e o mundo. Escatologia apocalíptica, no entanto, é uma perspectiva religiosa que focaliza o desvelamento (geralmente esotérico em sua natureza) pra os eleitos da visão cósmica da soberania de Yahweh.¹⁵ A conexão entre escatologia profética e escatologia apocalíptica pode ser vista na orientação de ambas para o futuro como o contexto da redenção divina e sua atividade julgadora.¹⁶ A ação salvífica de Deus, na escatologia apocalíptica, é concebida como uma realidade “para fora” da ordem presente.¹⁷ A transformação da escatologia profética em escatologia apocalíptica acontece quando se renuncia à tarefa de traduzir a visão cósmica para as categorias da realidade do mundo.¹⁸

Escatologia apocalíptica, portanto, não é um gênero (*apocalipse*), nem um movimento sócio-religioso (*apocalipsismo*), mas uma perspectiva que vê os planos divinos em relação às realidades históricas de modo particular.¹⁹ Esta cosmovisão não se limita aos apocalipses nem a um único grupo social, mas é encontrada em outros gêneros da literatura e nos mais diversos grupos, em diferentes épocas.

c. Apocalipsismo

O *apocalipsismo* é um sistema de conceitos e símbolos através do qual um movimento apocalíptico codifica sua identidade e confere expressão à sua interpretação da realidade.²⁰ É

¹⁴ HANSON, pP. 430-1.

¹⁵ HANSON, p. 11.

¹⁶ HANSON, p. 432.

¹⁷ BOER, p. 13.

¹⁸ HANSON, Paul D. Apocalíptica no Antigo Testamento: Um Reexame. In: *Apocalipsismo: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 50.

¹⁹ HANSON, The dawn of apocalyptic, p. 431.

²⁰ HANSON, The dawn of apocalyptic, p. 432. A definição proposta por Martin Noth de que o apocalipsismo seria um “fenômeno muito tardio que, através da transmissão de visões e audições, quer revelar algo dos segredos divinos” deve ser substituída, ainda que represente importante estágio na discussão da terminologia

um movimento de pessoas oprimidas, alienadas e excluídas que adotam a perspectiva da escatologia apocalíptica como estratégia de esperança e sobrevivência.²¹

Concluimos com a definição de *apocalipse* como um gênero literário, apocalipsismo como uma ideologia ou movimento social e “escatologia apocalíptica” como um conjunto de idéias e temas que podem ser encontrados também em outros gêneros e ambientes sociais.²² Embora esta terminologia diferencie os aspectos da apocalíptica, faz também uma importante relação entre eles. Os “apocalipses” são meios de dar expressão à perspectiva da escatologia apocalíptica e veículos para expressar a ideologia de um movimento apocalíptico.²³

O alvorecer da apocalíptica: breve história da pesquisa

A discussão das origens da apocalíptica é bastante longa e complexa. No decorrer da história da pesquisa, algumas principais correntes ou possibilidades foram levantadas.

A primeira é a de Gerhard von Rad, desenvolvida no segundo volume de sua *Teologia do Antigo Testamento*, de 1960. A tese de von Rad é de que a apocalíptica tem suas raízes na sabedoria. Em favor disso, ele aponta para as designações de sabedoria que os apocalipses mais antigos aplicam a si mesmos e para a busca pela sabedoria específica destes livros. Daniel, por exemplo, é um sábio (5,12; 10,21) que recebe instrução típica dos sábios da Babilônia.²⁴ Um dos argumentos é que a cosmovisão apocalíptica, baseada em tempos determinados por Deus, é uma das noções fundamentais da sabedoria do antigo oriente.²⁵ Assim, as raízes do apocalipsismo estariam ligadas à tradição sapiencial.²⁶

Outro argumento importante é a incompatibilidade entre profecia e apocalíptica. Para von Rad, o ponto decisivo é que o apocalipse não pode ter sua origem na profecia por conta da sua compreensão da história. Enquanto a mensagem profética é engajada na história da salvação, no seu presente histórico, para assim desenvolver perspectivas sobre seu passado e

deste fenômeno. Cf. NOTH, M. A concepção de história no apocalipsismo do Antigo Testamento. In: *Apocalipsismo: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p.80.

²¹ BOER, p. 18. Esta definição de apocalipsismo, feita por Paul D. Hanson, é baseada na sociologia de Karl Mannheim e Max Weber.

²² COLLINS, *Apocalyptic literature*, p. 345.

²³ HANSON, *The dawn of apocalyptic*, p. 430.

²⁴ SOTELO, Daniel. Origem da apocalíptica. In: *Cadernos de Pós-Graduação*, 2º semestre, 1983, p. 18.

²⁵ RAD, p. 305.

²⁶ OSTEN-SACKEN, Peter von. Apocalipsismo em sua relação com o profetismo e a sabedoria. In: *Apocalipsismo: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p.122.

futuro, a apocalíptica dissimula o lugar histórico em que se encontra.²⁷ Nesta corrente de pensamento se encaixa Martin Buber,²⁸ que produziu o seguinte esquema:²⁹

	Profecia	Apocalíptica
<i>Escatologia</i>	Nativa, monista	Estrangeira (Iraniana) e dualística
<i>Objeto de Esperança</i>	Cumprimento da Criação	Dissolução da Criação por um tipo diferente de mundo
Julgamento	Evento vindouro não irrevogável	Evento irrevogável com data firmemente fixada

Vale à pena reproduzir o que Buber diz a respeito da das origens da apocalíptica:

Profecia e Apocalíptica, consideradas através de seus escritos, são manifestações únicas na história do espírito humano e sua relação com a transcendência. A Profecia tem origem na hora de mais vigorosa e frutífera do espírito oriental, a Apocalíptica vem de dentro da decadência de suas culturas e religiões.³⁰

A apocalíptica seria, portanto, um novo fenômeno, ainda que emergido da decadência, sem conexões primárias com o Yahwismo profético.³¹ Contudo, um problema crucial na afirmação categórica da origem da apocalíptica na sabedoria é admitido por von Rad. Ele reconhece não haver na literatura sapiencial a preocupação com assuntos escatológicos, enquanto a visão apocalíptica da história possui como traço específico a fuga para o fim da história, para um julgamento universal e uma redenção,³² um *eschatón*. Somente isto já bastaria para que toda a argumentação entrasse em colapso. Mas von Rad ainda procura uma brecha para validar seu posicionamento ao supor que a sabedoria tardia estava preocupada com questões últimas, por influência irano-persa. Para *ele*, é necessário estabelecer em que momento a sabedoria se “escatologizou” e se esta “erupção” foi brusca. A conclusão final de seu trabalho é que a literatura apocalíptica apareceu numa época precisa e quase de repente.³³

²⁷ RAD, pp. 300-1.

²⁸ Buber julga a apocalíptica como um desenvolvimento tardio decadente, com nenhum valor religioso real.

²⁹ SOTELO, p. 18; HANSON, The dawn of apocalyptic, p. 5. A tabela original de Buber pode ser encontrada em BUBER, M. *Kampf um Israel*. Berlin: Schocken Verlag, 1933.

³⁰ BUBER, Prophecy and apocalyptic, 1966.

³¹ HANSON, The dawn of apocalyptic, p. 5.

³² RAD, p. 308.

³³ RAD, p. 309.

Há caminhos não abordados por von Rad em sua tese que merecem atenção, pois há elementos da literatura sapiencial na literatura apocalíptica. Porém, afirmar que este seja seu nascedouro é precipitado. Uma tentativa de achar este “outro caminho” é tomada a partir da influência vinda de fora da tradição profética. A principal fonte de origem seria o dualismo persa, especialmente mediado por influências posteriores do helenismo. Esta explicação considera a apocalíptica um novo fenômeno que surge do terceiro para o segundo século a.C., o que demonstra um erro metodológico, pois desconsidera todo o conteúdo apocalíptico dos escritos anteriores a este período.

A pesquisa britânica, principalmente, atribuiu as origens da apocalíptica diretamente à profecia. O livro de H. H. Rowley, de 1955 (traduzido para o português em 1980), representa o pioneirismo na pesquisa britânica, que diz ser a apocalíptica uma “filha” da profecia,³⁴ considerando-a uma “decadência da religião pura para o obscuro reino da fantasia”,³⁵ e não como um desenvolvimento gradativo na mensagem e na perspectiva.³⁶

Em seu livro *The Dawn of Apocalyptic*, de 1976,³⁷ Paul D. Hanson se propõe a encontrar as raízes da apocalíptica mais a fundo, num rompimento com esta linha de análise. O foco é a linha condutora da escatologia apocalíptica, cujo surgimento não é repentino nem anômalo, mas segue o padrão de um desenvolvimento contínuo desde a profecia pré-exílica e exílica.³⁸ A tese de Hanson é de que as origens da apocalíptica não repousam na profecia em si, mas na escatologia profética, que é continuada e radicalizada pela escatologia apocalíptica no VI e V séculos a.C., num conflito com as autoridades hierocráticas.

³⁴ ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 13. A tradução para o português do livro de Rowley diz: “Que a linguagem apocalíptica é o embrião da profecia, mas diversa dela, dificilmente pode ser contestado”, parecendo afirmar que a apocalíptica é anterior à profecia. Contudo, o texto inglês original não dá margem para esta interpretação equivocada: “that apocalyptic is the child of prophecy, yet diverse from prophecy, can hardly be disputed”. A idéia de Rowley é, portanto, de que apocalíptica nasce diretamente da profecia, sendo sua “filha”. Ver: ROWLEY, H. H. *The relevance of apocalyptic*. New York: Harper & Brothers, 1955.

³⁵ HANSON, Apocalíptica no Antigo Testamento, p. 36.

³⁶ Os termos hebraicos mais antigos para indivíduos inspirados que mediam comunicações divinas são *חֹזֵה* (*hozeh*) e *רוֹאֵה* (*ro'eh*) e significam “visionário”, “aquele que vê o que é oculto para os outros”, “homem de Deus” e “homem do Espírito”. O Apocalipse de João está inserido nesta tradição, o que pode ser observado em 1,2 (ὅς ἐμαρτύρησεν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ Χριστοῦ ὅσα εἶδεν) e 1,3 (Μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας). A diferença central entre os profetas e os visionários apocalípticos é que os profetas se consideram mensageiros de Javé e seu conselho divino, traduzindo a visão cósmica para o âmbito terreno, “para dentro das categorias e dos acontecimentos da esfera humana”. O vidente apocalíptico deixa a visão em nível cósmico. Ver AUNE, p. 83; HANSON, Apocalíptica no Antigo Testamento, p. 45.

³⁷ Uma edição revisada, com um apêndice no fim do livro, foi publicada em 1979.

³⁸ HANSON, *The dawn of apocalyptic*, p. 7.

Um dos equívocos que Hanson encontra na pesquisa até então é que o estudo da apocalíptica tem quase sempre começado por Daniel, o que acarreta em dois resultados negativos: 1) as conexões entre o profetismo e o apocalipsismo têm sido ou negligenciadas ou mal-interpretadas; 2) a fonte de elementos “novos” na apocalíptica tem sido procurada em religiões estranhas ao judaísmo, contemporâneas a Daniel.³⁹ Peter von Osten-Sacken chega a afirmar que começar por Daniel é o único caminho possível para traçar as origens da apocalíptica.⁴⁰ A tese Hanson é contrária a isto. Para ele, Daniel está em continuidade com a tradição profética do pós-exílio, sob influência de Ezequiel, Zacarias e Jeremias, os quais contêm uma “apocalíptica inicial”.

O surgimento da apocalíptica é genuinamente um alvorecer: isto é, a escatologia profética não irrompeu na escatologia apocalíptica repentinamente e sem um período intermediário de transição. Gradualmente a firme ancoragem da mensagem profética na história começou a se desprender. Com o colapso da monarquia, Templo e nação sob o poderio babilônico, culminando na destruição de Jerusalém em 587, um penetrante senso de calamidade impeliu profetas como Jeremias e Ezequiel a vislumbrarem a redenção num crescente nível cósmico. Neste ponto, o uso de temas míticos torna-se aparente (Isaías 4,23-28 e Ezequiel 47).⁴¹ Entretanto, a resposta mais criativa ao vácuo de alienação do exílio vem da voz profética denominada dêutero-Isaías, que uniu partes derivadas da profecia, corte real e mito, de modo a preparar o cominho para a transformação da escatologia profética em escatologia apocalíptica.⁴² Uma vez que o uso de temas míticos pelo dêutero-Isaías aponta na direção que a escatologia apocalíptica perseguiria enquanto ainda completamente relacionada ao domínio histórico e transformação cósmica, sua profecia é “proto-apocalíptica”. Após o dêutero-Isaías, o que faltava para o alvorecer da apocalíptica era a demonstração final para um grupo de discípulos alienados que sua visão de um Israel restaurado não poderia ser concretizada dentro de estruturas mundanas ou através da atividade humana.⁴³

Nos oráculos do trito-Isaías, uma situação comunitária austeramente exacerbada é relatada e, acompanhando este desenvolvimento, uma mudança na direção da mais rarefeita atmosfera da escatologia apocalíptica. Esta coleção de oráculos e outras várias coleções

³⁹ HANSON, *Apocalíptica no Antigo Testamento*, p. 45.

⁴⁰ OSTEN-SACKEN, p. 122.

⁴¹ HANSON, *The dawn of apocalyptic*, p. 438.

⁴² HANSON, *The dawn of apocalyptic*, p. 438.

⁴³ HANSON, *The dawn of apocalyptic*, p. 439.

Oracula 3.6, 2007.

(Zacarias 9-10, Isaías 24-27) são um tipo de “apocalíptica inicial”; suas raízes estão no fim do sexto século e início do quinto. Seu programa era mais cósmico (Is 60-62), levando a uma tensão com os protagonistas do programa sadoquita de restauração. Um processo de alienação desencadeado pela opressão imposta pelos sadoquitas fez com que suas esperanças fossem transpostas ao céu, acarretando numa interpretação desta experiência da perspectiva da escatologia apocalíptica: “*Pelo que o direito se retirou, e a justiça se pôs de longe; porque a verdade anda tropeçando pelas praças, e a retidão não pode entrar*” (Isaías 59,14). Este movimento apocalíptico, orientado por forte sentimento de alienação, ficou mais intenso nos últimos anos do sexto século e através da maior parte do quinto século (Zc 12-14).⁴⁴ Um *corpus* literário considerável foi produzido por este movimento: Isaías 24-27; 34-37; 56-66; Malaquias; Zacarias 9-14, e a versão final de Joel.⁴⁵

A apocalíptica, então, teria surgido no pós-exílio, com o retorno do povo à Palestina em 586 a.C. e se desenvolvido nos séculos posteriores. Ela possui duas correntes contrapostas: uma hierocrática, outra popular. A primeira nasce a partir da escatologia apocalíptica de Ezequiel, com o retorno das primeiras ondas de exilados, através do partido sadoquita, que busca a reconstrução de Israel a partir das estruturas. A segunda é inspirada na escatologia apocalíptica do dêutero-Isaías, que vê na reconstrução do próprio povo a reconstrução de Israel. O primeiro movimento nasce fundamentalmente da elite que retornava do exílio, de caráter sacerdotal-institucional. O segundo surge do povo da terra, de caráter profético-popular, que não foi para o exílio e enxerga nas estruturas a causa de seus males.⁴⁶

Contudo, até a metade do terceiro século, não temos conhecimento de um escrito apocalíptico *sui generis*. Isto deve ter ocorrido por conta de uma miscelânea de perspectivas criada com a reforma liderada por Esdras e Neemias e assimilada em Crônicas, pela unificação de um dossel hierocrático e elementos proféticos. Mas com o início da batalha com o helenismo, que ameaçava tirar do judaísmo sua essência, um espírito apocalíptico era novamente apropriado como meio de criar um universo simbólico alternativo.⁴⁷ Surge então, no fim do terceiro século 1Enoque (Enoque Etíope), essencialmente apocalíptico.⁴⁸ O primeiro livro canônico apocalíptico é Daniel, aliás, apenas os capítulos 7-12, compostos

⁴⁴ HANSON, The dawn of apocalyptic, p. 27. Os capítulos 11-14 de Zacarias representam a oportunidade de traçar a transição para a completude da escatologia apocalíptica. Zacarias 14 contém um oráculo que é deixado quase totalmente no domínio da atividade cósmica do Guerreiro divino e suas hostes.

⁴⁵ HANSON, The dawn of apocalyptic, p. 440.

⁴⁶ RICHARD, Pablo. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 25-26.

⁴⁷ HANSON, The dawn of apocalyptic, pp. 440-441.

⁴⁸ RUSSELL, D. S. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Philadelphia: Fortress Press, 1987, p. 27.

Oracula 3.6, 2007.

nos anos 167-163 a.C., num contexto de perseguição e guerra revolucionária.⁴⁹ Por ele são influenciados o Apocalipse de João, *4 Esdras*, *2 Baruch*. O livro está interligado a outras tradições, como o *Apocalipse das Semanas* e está em continuidade com a perspectiva da escatologia apocalíptica desenvolvida no pós-exílio. Isto é evidenciado pela clara influência de Ezequiel, Zacarias e Jeremias.⁵⁰

Portanto, a apocalíptica não pode ser remetida diretamente a um único movimento, mas suas origens são um desenvolvimento ao longo dos séculos, através da escatologia apocalíptica e a partir do profetismo e outras raízes arcaicas.⁵¹

Conclusão

As conclusões de Hanson são que: (1) as fontes da escatologia apocalíptica estão embasadas na tradição profética de Israel; (2) o período de origem está nos séculos VI e V; (3) a natureza essencial da apocalíptica é encontrada no abandono da tarefa profética de traduzir a visão do conselho divino em termos históricos; (4) a matriz histórica e sociológica da apocalíptica é encontrada num conflito comunitário interno no período do Segundo Templo entre elementos visionários e hierocráticos.⁵² Nossas conclusões apontam para a inviabilidade de se atribuir as origens da apocalíptica a um único movimento, mas a um conjunto de fatores.

A pesquisa tem avançado em favor de uma definição mais clara do que é a “apocalíptica”, para que, então, alcance suas raízes. A pesquisa anterior, de von Rad aos britânicos, deu novo impulso aos estudos e, por isso, não merece ser desprezada como um todo. De certa forma, a pesquisa de Hanson oferece o que se tem de melhor hoje e exerce grande influência no Brasil, mas muito ainda falta a ser dito e esclarecido sobre a apocalíptica e suas origens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUNE, David E. *Prophecy in early Christianity and the Ancient Mediterranean world*. Grand Rapids: Eerdmans, 1983.

BOER, Martinus de. A influência da apocalíptica judaica nas origens do cristianismo: gênero, cosmovisão e movimento social. In: *Estudos de Religião* 19, 2000.

⁴⁹ COLLINS, J. J. *Daniel*. Philadelphia: Fortress Press, p. 61.

⁵⁰ COLLINS, *Daniel*, p. 59.

⁵¹ HANSON, *The dawn of apocalyptic*, p. 6.

⁵² HANSON, *The dawn of apocalyptic*, p. 29.

Oracula 3.6, 2007.

BUBER, Martin. *The way of response*. New York: Schocken Books, 1966.

COLLINS, John J. *Daniel*. Philadelphia: Fortress, 1995.

_____. Introduction: towards the morphology of a genre. In: *Semeia* 14, 1979.

_____. Apocalyptic literature. In: KRAFT, Robert A.; NICKELSBURG, George W. E. (eds.). *Early Judaism and its modern interpreters*. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

GESE, Hartmut. Início e fim do apocalipsismo à base do Livro de Zacarias. In: *Apocalipsismo: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

HANSON, Paul D. *The dawn of apocalyptic*. Revised edition. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

_____. Apocalíptica no Antigo Testamento: um reexame”. In: *Apocalipsismo: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

NOGUEIRA, Paulo A. de Souza (org.). *Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005.

NOTH, Martin. A concepção de história no apocalipsismo do Antigo Testamento. In: *Apocalipsismo: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

OSTEN-SACKEN, Peter von. O apocalipsismo e sua relação com o profetismo e a sabedoria. In: *Apocalipsismo: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. 2. São Paulo: ASTE, 1986.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROWLEY, H. H. *A importância da literatura apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUSSELL, D. S. *The method and message of Jewish apocalyptic*. Philadelphia: Westminster Press, 1964.

_____. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

SOTELO, Daniel. Origem da apocalíptica. In: *Cadernos de Pós-Graduação*, 2º Semestre, 1983.

VALDEZ, Ana. A literatura apocalíptica enquanto gênero literário (300 a.C -200 d.C.). In: *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* 1.1, 2002.

WOODRUFF, Archibald Mulford; NOGUEIRA, Paulo A. de S. Introdução à apocalíptica no Brasil: uma resenha crítica das publicações dos últimos 30 anos. In: *Estudos de Religião* 19, 2000.